

Emblema de modernidade:

o relato de viagem de Vittorio Buccelli e o Rio de Janeiro como cartão de visita

Luis Fernando Beneduzi*

Resumo: O propagandista Vittorio Buccelli, como diversos profissionais italianos, acompanhou o fluxo emigratório de seus compatriotas, buscando construir laços comerciais que envolvessem a terra de partida do emigrante e aquela de chegada. Em seu relato, publicado em Milão, em 1906, como naquele dos viajantes europeus, percebe-se um processo de leitura comparada da alteridade; no entanto, no caso específico deste italiano, esse outro é analisado e narrado a partir de uma tentativa de construir pontes comerciais entre o Brasil e a Itália. Nesse sentido, relatar a experiência brasileira significa desconstruir os medos e as representações negativas de um espaço de doenças, de miasmas e de desorganização, que caminham *pari passu* com uma imagem de paraíso terrestre. Buccelli tornar-se-á um grande veiculador – no contexto europeu – da imagem de modernidade que os republicanos estavam construindo sobre o país.

Palavras-chave: Viajantes italianos. Modernidade. Representação. Imigração italiana. Narrativas sobre o Brasil.

Abstract: The publicist Vittorio Buccelli, as many others Italian professionals, follows his compatriots in the emigration outflow, trying to build commercial links between the emigrant departure land and his arrival land. In his record, published in Milan (1906), as in those from European travelers, we observe a process of a comparative lecture about the alterity; however, particularly in the case of this Italian, the other will be analyzed and narrated by the tentative to build commercial bridges between Brazil and Italy. In this sense, the narrative about the Brazilian experience means to deconstruct the fears and the negative representations of a disease, miasma and unordered space that walk *pari passu* with a terrestrial paradise image. Buccelli will become a great publicizer – in the European context – of the modernity's image that the republicans are building in the country.

Key-words: Italian travelers. Modernity. Representation. Italian immigration. Narratives about Brazil.

O final do século XIX e os primeiros anos do século XX pertencem àquele longo período pacífico que envolveu o continente europeu, produzindo uma imagem de progresso infinito do engenho humana. A *Belle Époque* caracterizou-se por essa sensação, experimentada pela Europa, de potência global absoluta, de exportadora de civilização e de modernidade. A forte aceleração do progresso tecnológico que se viveu na segunda metade do século XIX, assim como as grandes transformações urbanas e sociais vivenciadas pela sociedade européia, somadas ao aumento das trocas comerciais e culturais em nível internacional, produziram um sentimento de otimismo generalizado e – ao mesmo tempo – uma percepção da ciência como espaço por excelência da emancipação social. As transformações científico-tecnológicas revolucionaram o cotidiano europeu e as exposições universais que se subseguiram davam o ritmo de um processo de modernização jamais visto anteriormente.

No mesmo período, o Brasil – assim como sua capital, o Rio de Janeiro – estava vivendo um processo de profunda transformação política, o que engendrava a elaboração de novas representações sociais. Tendo em vista as análises que afrontam as questões que envolvem o final da monarquia e da escravidão, as quais destacam a manutenção do *status quo*, os grupos que ascendem ao poder com o Marechal Deodoro da Fonseca e, posteriormente, diretamente com os civis representantes da política de governadores, vinculados ao setor do café e do leite, precisam construir uma linha divisória entre a sociedade imperial e aquela republicana. Nesse sentido, a República é apresentada como o novo, como a vitória da civilização e da modernidade sobre o arcaísmo e a tradição. Com o dístico “ordem e progresso”, as políticas públicas vão aprofundando uma dinâmica de europeização da sociedade brasileira, tanto em uma busca do branqueamento da população – reflexo de uma vergonha que a elite nacional sente com relação ao “seu” povo – quanto em uma tentativa de construção de uma cidade higienizada, a partir de uma nova engenharia urbana. A grande questão que se coloca é o dever da limpeza, a necessidade de forjar um povo imaculado – purificado e regenerado dos males provenientes do sangue negro e mestiço – e uma cidade isenta de impurezas sociais e sanitárias.

A religião do progresso acaba ocupando a centralidade da vida política, consagrando na ação de seus sacerdotes – arquitetos, urbanistas, engenheiros, médicos, cientistas, os interventores por excelência da sociedade moderna – a dinâmica de construção de estruturas funcionais e eficazes. O projeto modernizador, ao buscar romper com as diferentes expressões da tradição popular, criou processos de antagonismos e desilusões, a partir de um modelo político que, segundo Carvalho (2005), não refletia a ordem social. Questões como a

separação entre a Igreja e o Estado ou as políticas higienistas de vacinação geram reações populares que, mais do que relacionadas a uma contestação direta à República, se insurgiam contra a desestruturação de práticas sociais e culturais arraigadas na cultura popular. A busca do controle do corpo social e dos espaços da vida privada levou o poder público a intervir direta e ferozmente em diferentes lugares da intimidade e da esfera pessoal:

A autoridade pública permitia-se invadir e não de raro destruir, seja o casebre sertanejo, seja o cortiço, o barraco ou o mocambo nas cidades. [...] Nem casa, nem lares, nem âmbitos sagrados, nem corpos e nem vidas, do ponto de vista dos agentes da ordem, tinham garantias quando se tratava de grupos populares (SEVCENKO, 2004, p. 30).

Essa idéia-imagem triunfante veiculada pela República, que tentava apagar o contraditório da resistência popular, é apresentada por Costa e Schwarcz (2000) através da metáfora do “Brasil como cartão postal”, com a elaboração de uma profunda maquiagem que procura diminuir a visibilidade e a importância dos elementos não modernos presentes no cotidiano nacional. O país e sua capital são mostrados publicamente enquanto espaços apropriados para uma vida agradável, e para o trânsito turístico e comercial dos europeus, tendo em vista que os modelos de beleza e higiene urbanos estão vinculados às percepções e concepções européias. O famoso processo do “bota-abaixo”, com a destruição dos cortiços existentes no centro da cidade do Rio de Janeiro, e a construção das largas avenidas e dos jardins arborizados fazem parte de uma adequação da cidade a um modelo de cartografia urbana fundada em um controle do espaço e uma regulação do mesmo.

As fachadas em *Art Nouveau* da Avenida Central, associadas às lojas de moda e aos passantes que desfilavam os modos e os trajés de um mundo além-mar, traziam consigo um objetivo declarado de tornar o Brasil – através de sua capital – um lugar atraente para o investimento europeu. As transformações, levadas a cabo pela equipe organizada pelo então presidente Rodrigues Alves, buscavam elaborar um cenário atraente que apagasse um histórico de doenças e desregramento que marcavam o imaginário europeu com relação ao Brasil:

Com o intuito de fazer da cidade uma vitrine para a captação dos interesses estrangeiros, concebeu-se um plano em três direções: a modernização do porto ficaria ao encargo do engenheiro Lauro Müller; o saneamento da cidade – acometida por doenças e epidemias infecciosas – seria responsabilidade do medido sanitarista Oswaldo Cruz, e a reforma urbana restaria para o engenheiro Pereira Passos, que havia conhecido de perto a obra de Paris, empreendida pelo barão de Haussmann (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 29).

Esses três processos – modernização do porto, saneamento da cidade e reforma urbana – constituir-se-ão no ponto central da narrativa de Vittorio Buccelli, quase representando uma confirmação do projeto republicano. Efetivamente, o viajante não vai poder contemplar o projeto concluído, pois sua visita ao Brasil ocorre no ano de 1905, no entanto, ele não somente enaltece a grande transformação que a cidade está vivendo, mas oferece prognósticos sobre a grandiosidade da *urbs* quando do término das reformas. Percorrer esse roteiro informativo, que envolve apreciações turísticas e comerciais, apresentado por Vittorio Buccelli, no qual se percebe – em uma leitura a contrapelo – os grandes medos da sociedade européia (em particular daquela italiana) com relação ao imenso “país tropical”, vai ser o elemento central do presente artigo. De uma certa maneira, a narrativa de Buccelli acabará por criar fragmentos imagéticos que alimentarão o imaginário italiano sobre o Brasil; aliás, essa é a intenção declarada do autor.

Pode-se afirmar que Vittorio irá se colocar ao lado da República na exaltação da nova sociedade brasileira, ressaltando o quanto foi feito pela qualificação da cidade do Rio de Janeiro e dos diversos lugares por onde passou. Percebe-se – através da narrativa do viajante – que o mesmo tinha contatos frequentes com o Brasil, pois demonstra um relevante conhecimento sobre a realidade brasileira e constrói comparações entre projetos de reforma e saneamento urbanos em diferentes cidades do país, como no caso do porto do Rio de Janeiro e daquele de Santos. Além disso, publica – em 1911 – “Il libro d’oro dello Stato di San Paolo”.

De qualquer maneira, o livro que será analisado neste artigo – publicado em Milão, em 1906 – relata uma viagem de Buccelli que tem início com sua chegada no Rio de Janeiro, com o vapor Rio Amazonas, depois de 18 dias de viagem, e que prossegue, passando pelo porto de Santos, e tendo como destino final o Estado do Rio Grande do Sul. De fato, a obra tem como título original “Um viaggio a Rio Grande del Sud” e a maior parte do conteúdo narrativo se relaciona com este estado meridional do Brasil. Todavia, mesmo mencionando uma estada breve na cidade do Rio de Janeiro, o viajante dedica várias páginas para descrever e analisar a sua experiência da cidade, construindo uma espécie de diálogo com os seus futuros leitores, buscando estruturar uma argumentação convincente, que atraia imigrantes italianos, turistas e investidores.

A obra – em seu conjunto – constitui-se em uma narrativa apologética da grandiosidade e das potencialidades do Brasil, assim como da força e do engenho dos imigrantes, que construíram a riqueza do país e uma vida confortável. Enquanto no Rio Grande do Sul o autor destaca a industriabilidade dos descendentes de alemães – os quais vivem há mais tempo no estado – e assevera que essa situação indica as possibilidades para o

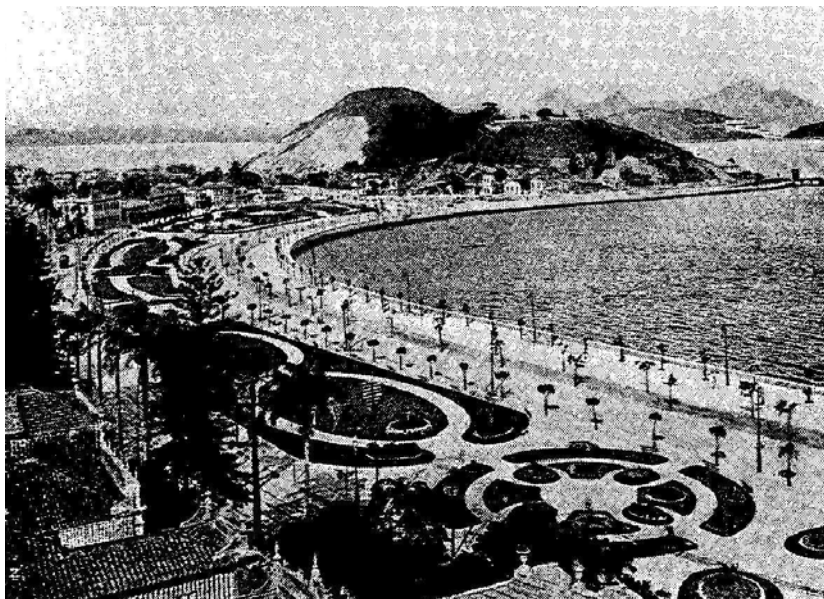
desenvolvimento de um projeto de crescimento econômico-social entre os colonos italianos e novos imigrantes que se dirigissem para a região; no Rio de Janeiro, pelo contrário, realça as grandes mudanças em curso e uma nova realidade de higiene e bem-estar que vige na cidade. A fala de Buccelli, no que se refere à apresentação da “cidade maravilhosa”, naquela época sinônimo de morte, tem uma motivação objetiva: dissuadir os europeus de seus antigos temores, os quais dificultam e/ou impedem sua afluência ao Rio:

Aqui é necessário abrir um parêntese: o antigo emigrante falava, assim como falam os europeus em geral, toda vez que escutam o nome do Brasil e do Rio de Janeiro. Estes dois nomes aparecem na imprensa dos países latinos, com a exceção de Portugal, envolvidos por tristes fantasmas de epidemias e agitações perpétuas (BUCCELLI, 1906, p. 7).

A percepção do viajante não se dissocia de estudiosos contemporâneos, no que se refere à imagem negativa que reinava na Europa com relação aos perigos constantes que um estrangeiro estaria exposto, vivendo – ou simplesmente transitando – na cidade do Rio de Janeiro. Sevckenko (2004) recorda essa triste fama que envolvia a cidade, a qual era vista como o “túmulo do estrangeiro”, uma imensa incubadora das mais diferentes doenças tropicais, nome que até hoje assusta os cidadãos e os médicos do continente europeu:

Ela era acometida por uma série de endemias, que assolavam e vitimavam sua população, e eram mais vorazes para com os estrangeiros, os quais não dispunham dos anticorpos longamente desenvolvidos pela população local. O Rio apresentava focos permanentes de difteria, malária, tuberculose, lepra, tifo, mas suas ameaças mais aflitivas eram a varíola e a febre amarela, que todo o verão se espalhava pela cidade como uma maldição (SEVCENKO, 2004, p. 22).

Nesse sentido, poder-se-á observar o roteiro da narrativa de Vittorio Buccelli como uma apresentação da cidade regenerada, liberta da carga negativa e maléfica que a envolvia. A narrativa sobre os espaços da cidade – as florestas, os bairros, as estradas do centro, os parques e jardins – espelha um suceder-se de lugares ordenados, limpos, airoso, o exato contrário da imagem do trópico como um lugar sufocante. O Rio de Janeiro de Buccelli era uma cidade encantadora, paraíso natural, modelo de *urbs*, considerando os padrões europeus, os quais são sempre usados por ele como padrão de referência.

Imagem 1. Avenida Beira mar – Botafogo

Fonte: BUCCELLI, 1906, p. 16.

Em sua reconstrução narrativa da cidade do Rio de Janeiro, encontra-se um modelo de base, tanto por uma vinculação de pertencimento quanto por uma necessidade de convencimento, a estrutura urbana e social européia – a imagem por autnomásia da civilização e da modernidade. Dessa forma, ele está produzindo uma representação positivada de uma aglomeração urbana modelar – marcada pela autoridade de seu testemunho, visto que ele está experienciando a cidade. Como todo relato de viajante, a sua narrativa se estrutura enquanto mediação entre o seu ponto de referência – a terra de partida – e o seu ponto de observação, o espaço geográfico-cultural brasileiro.

Colocar-se como mediador entre dois mundos, como testemunha, constitui-se, também, em uma estrutura da narrativa do viajante, o qual constrói a importância do relato a partir da veracidade da narrativa. Assim como o historiador personificado nos escritos de Heródoto, o viajante – narrando a sua experiência – conta aquilo que realmente é, os eventos que realmente aconteceram, fundando sua autoridade na vivência concreta do outro lugar, o qual é “desconhecido” para os membros da comunidade da qual ele provém. Nesse sentido, o trânsito é sempre inscrito em uma retórica dos sentidos – do ver, ouvir, degustar a realidade narrada:

A autoridade, para ele [Heródoto], baseava-se na evocação do que pessoalmente viu e ouviu fora dos limites da cidade. [...] Se a viagem concede autoridade ao testemunho é pela sua constante afirmação que o autor de um relato [...] pretende atrair a atenção do leitor. Ao insistir em

escrever “eu vi”, o autor, como afirma Michel De Certeau, fabrica e sanciona ‘o texto como uma testemunha do outro’ (DORÉ, 2002, p. 313).

Neste processo de reconhecimento do outro – seja como uma cartografia física, seja como uma representação sócio-cultural – Brilli (2006) enfoca a relevância que as imagens anteriores à própria viagem possuem no processo de leitura da realidade vista e vivida. Através da metáfora dos óculos verdes, o autor – relatando o caso dos viajantes que passam pelo território italiano nos séculos XVIII e XIX – apresenta a viagem como uma confirmação de um imaginário construído no momento anterior a viagem, o que lhe conduz a uma observação que não foge das cores anteriormente estabelecidas:

Os viajantes que descreveram a Itália, que vieram neste país para contar uma viagem e com a determinação de encontrar e pintar todo tipo de beleza, normalmente começaram a prefigurá-la na imaginação, depois a admirá-la; trata-se de pessoas que colocaram um par de óculos verdes e, dessa maneira, viram tudo verde (BRILLI, 2006, p. 371).

Na fala de Buccelli, como se irá observar mais adiante, poder-se-á encontrar os “óculos verdes” em sua contínua estratégia de justificar um processo ainda inacabado de modernização da cidade do Rio de Janeiro e – ao mesmo tempo – de anunciar as melhorias e benfeitorias realizadas pela administração pública, as quais revelam uma nova imagem da capital federal, marcada por um cotidiano regenerado. Denota-se que, para além de um processo natural de percepção do outro, a narrativa deste viajante possui interesses propagandísticos bem demarcados e os seus óculos acabam se tornando um importante direcionamento para sua leitura paradisíaca do Brasil. Constantemente, o texto expressa essa interação entre o passado e o presente da capital brasileira: informa ao leitor – o qual porventura possa ter passado pelo Rio em um passado próximo – que não encontrará mais aqueles lugares de atraso. Pelo contrário, a cidade – em um breve período de tempo – substituiu os espaços lamacentos por lugares cuidados e ordenados, o que poderia causar estranhamento inclusive a um visitante que tivesse cruzado pela *urbs* nos primeiríssimos anos do século XX:

Mas no momento que tereis desembarcado, não encontrareis mais aquele largo lamacento e poeirento que existia outrora, não encontrareis mais aquele esquelético terreno esquecido pelos varredores de rua e pelas autoridades municipais, que vos deixava com a alma entristecida: hoje um belíssimo jardim vos sorri (BUCCELLI, 1906, p. 11).

De qualquer forma, esta metáfora apresentada por Brilli (2006) representa um processo amplo de elaboração da identidade europeia em geral e dos Estados Nacionais europeus em particular, a qual se construía a partir de um diálogo com a alteridade, com estes

outros ao interno do continente e no além-mar. Nesse sentido, as imagens produzidas pelas narrações dos viajantes europeus foram corroborando para o forjar-se de um sentimento de europeidade, no contraste com o diferente: um reconhecimento da civilização, em um contato com o exótico e com a barbárie:

Os relatos de viagem produziram representações sócio-geográficas para europeus que, a partir daí, construíram sua identidade em oposição ao que passou a ser “o resto do mundo”. Num movimento de mão dupla da transculturação, a auto-representação europeia criou-se nesse confronto com a imagem do outro (DUARTE, 2002, p. 268).

Dessa maneira, é importante – para entender o espaço da mediação cultural e do *background* do viajante – levar em consideração as motivações que estão por detrás das escolhas do viajor, segundo Doré (2002), daquelas coisas que se tornam dignas de serem descritas e enfocadas em sua narrativa. Esse interesse terá certamente a marca da formação do mediador, mas também aquela dos elementos que conduziram à viagem, sendo considerado, neste ponto, o entrecruzamento de diferentes perspectivas sociais, políticas, econômicas e culturais. As idéias-imagens selecionadas são o reflexo de uma determinada representação construída sobre as duas sociedades que se interagem no processo de deslocamento de Buccelli e entre as quais ele quer estabelecer um diálogo, uma possibilidade de leitura (ou de releitura) do Brasil por parte dos peninsulares.

O retrato que Vittorio Buccelli elabora sobre a sociedade brasileira e sobre a cidade do Rio de Janeiro, pensando à sua recepção na Itália, pode se inserir em uma tradição da literatura de viagem europeia sobre o mundo extra-europeu, a qual remonta a meados do século XVIII e se constitui em um movimento entendido por Pratt (1999) como parte da construção do euro-imperialismo. De uma certa forma, o viajante vai construindo – a partir do olhar do mesmo (do “nós”) – a realidade da periferia europeia e, ao mesmo tempo, vincula a população continental ao processo de expansão da civilização metropolitana:

Seu tema predominante é o de como os livros de viagem de europeus [...] engajam o público leitor metropolitano nos (ou para os) empreendimentos expansionistas cujos benefícios materiais se destinavam, basicamente, a muito poucos (PRATT, 1999, p. 28).

O relato deste viajante – assim como as representações que ele está produzindo em sua obra – é marcado por dois processos, os quais expressam sinais sensíveis que nos remetem à sociedade da *Belle Époque*: ao narrar e enaltecer o progresso visível na cidade fluminense, ele cria o silêncio e esconde os “desfeitos” que estão por detrás da nova ordem que toma conta das ruas. Construindo uma narrativa sobre a cidade moderna e ordenada que começa a surgir, ele deixa na penumbra uma *urbs* anterior, um conjunto de relações de sociabilidade e

solidariedade, uma outra cartografia urbana, a qual não interessa trazer à luz, neste mundo da ordem que ele tenta pintar em sua obra européia e europeizada. Os processos de controle e exclusão são realidade corrente no mundo europeu de finais do século XIX e inícios do século XX, são parte da construção de uma Europa triunfante, o olhar de Buccelli também é calibrado por essa realidade e os seus “óculos” recebem esta gradação.

Tendo em vista a análise que Pesavento (2001) toma emprestado a Michel De Certeau, que apresenta a dinâmica de construção emblemática de uma sociedade como marcada pelo silêncio e pela exclusão do diferente, assim como pela noção de selvagem interno, a máscara que Buccelli constrói com os fragmentos de um Rio de Janeiro moderno e civilizado, silencia e exclui aqueles indivíduos que estão alheios a essa modernização ou que nela não se encaixam. A criação das largas avenidas, calçadas e embelezadas, que alteram a geografia do centro do Rio de Janeiro, não foram somente uma obra de construção, mas também de demolição, de expulsão: um ordenamento que eliminou aquilo que não representava a ordem e o progresso desejados para a capital federal.

No entanto, o que preocupa Buccelli e a “boa sociedade” européia não é o que está sendo desalojado no Rio de Janeiro, pelo contrário, todos os sinais de arcaísmos que se perdem são bem-vindos para essa comunidade que pretende se enxergar moderna e vivendo o ritmo acelerado dos novos tempos. O direcionamento do olhar do viajante está matizado pelo turbilhão (ou por uma sensação de movimento acelerado) que caracteriza a virada do século XIX para o XX. Nesta concepção da sociedade, a ênfase é colocada no efêmero, no tempo da mudança, no contínuo avanço tecnológico, nas novas possibilidades que o progresso traz:

Os ritmos e fluxos da cidade se alteraram, as ditas conquistas tecnológicas acenavam que o mundo nunca mais seria o mesmo. A modernidade também se apresentou nas novas referências de temporalidades, tempo efêmero, mudanças constantes e ininterruptas, os tempos dos negócios (os negócios termo), as agilidades possibilitadas pela expansão da tecnologia, uma segmentação cada vez maior do campo e da cidade, ruptura com as tradições, constituição do arcaico e a busca incessante pelo moderno (MATOS, 2008, p. 236).

A rigor, a ênfase colocada na cidade enquanto edificação de prédios, remodelação de ruas, construção de praças e largos, saneamento e bonificação de áreas degradadas acaba escondendo uma dimensão humana daqueles que vivem os diferentes espaços, muitos deles desfeitos. A representação do progresso e um imaginário urbano fundado na personificação de uma metrópole moderna são geradores de um conflito intrínseco à sociedade brasileira que se quer modernizar, mas que não está inserida na complexidade das relações da modernidade, o qual contrapõe políticas públicas e camadas populares urbanas. Agudiza-se – ao interno da

urbs – a relação conflituosa entre uma concepção de sociedade forjada no âmago das políticas públicas saneadoras e o “outro”, o diferente, aquele que se encontra fora desse processo e que deve ser excluído das zonas da “boa sociedade”. O poder público – e o relato de Buccelli também – demonstram uma dupla relação com a alteridade negativa, flutuando entre o combate e o silêncio:

Os chamados indesejáveis, perigosos, turbulentos, marginais podem ser rechaçados e combatidos como inimigo interno, ou, pelo contrário, podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre ele se silencia e nega a presença. [...] Eles se opõem à cidade que se quer e que deve se aproximar, em maior ou menor grau, da matriz civilizatória desejada (PESAVENTO, 2001, p. 13).

Na visão de Sandra Pesavento, a sociedade constrói e auto-aprova um conjunto de códigos de conduta e de valores que normatizam e controlam a vida de seus membros. Ao mesmo tempo, ela exclui, separa, repele, ultraja, e até mesmo destrói, os indivíduos que não querem aderir ou não conseguem se adequar aos preceitos e às normas entendidos como seus reguladores (PESAVENTO, 2001). Vittorio Buccelli assume e entende positivamente essa dimensão controladora da sociedade, especialmente através da ação efetiva do poder público, percebendo nas vozes que se elevam contra a ação do Estado – ou que dificultam os projetos de intervenção – uma expressão de interesses pessoais. Para ele, a implementação da reforma urbana de Rodrigues Alves é uma vitória do poder do Estado – e por consequência da sociedade carioca – diante de um renitente personalismo, sendo positivo, inclusive, em suas ações mais enérgicas:

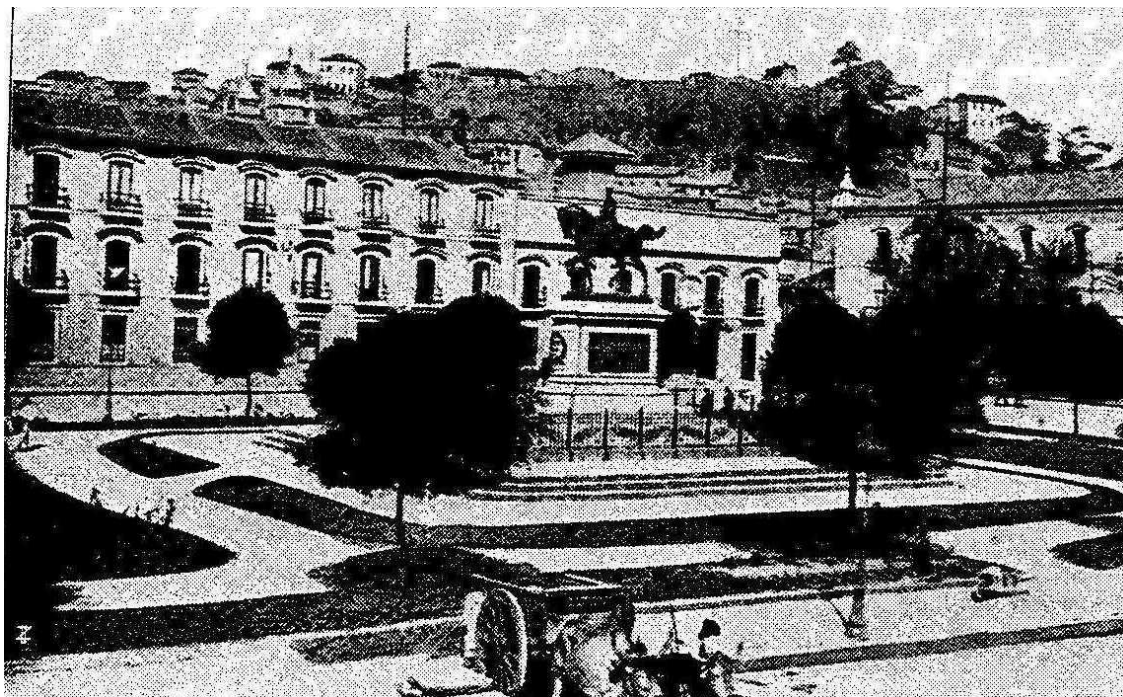
Em menos de um ano, vencendo a férrea resistência de interesses individuais, e anulando, com um traço de pena, tradições seculares, o chefe do Estado e o prefeito, validamente e inteligentemente coadjuvados pelo Ministro dos Trabalhos Públicos, Dr. Lauro Müller, e pelo engenheiro Paulo De Frontin, diretor dos trabalhos da Avenida, iniciaram e encaminharam bastante as obras do porto e demoliram, em todas as direções, a parte velha da cidade (BUCCELLI, 1906, p. 14).

A partir de sua falta, as manifestações populares e os descontentamentos com relação ao projeto reformista eram uma representação de interesses individuais que queriam se sobrepor àqueles da coletividade e do progresso. Por isso, entendia que a ação enérgica do Estado era justificada, pois vinha ao encontro das necessidades dos cidadãos e minimizava a ação de desalojamento dos pobres que habitavam no centro das cidades, apenas comentando os benefícios que a intervenção pública trouxe às suas moradias: no fundo, todos ganhavam com este Rio de Janeiro modernizado e higienizado:

[os interventores agiram] obrigando os proprietários a reconstruir e sanear os casebres dos bairros comerciais, e levando ar e luz às habitações dos pobres e dos operários, enquanto os oficiais da saúde pública adotavam os meios mais enérgicos de profilaxia e limpeza social (BUCCELLI, 1906, p. 14).

Como informa Brum (2009), Vittorio Bucceli era um grande propagandista, e tinha como importante objetivo a captação e a atração de investimentos italianos. Nesse sentido, a imagem de uma administração que consegue manter a ordem é bem-vista por aqueles que têm interesse em aplicar capital direta ou indiretamente no Brasil: ele recorda o medo que cresceu na Europa, com relação aos investimentos no Brasil, por causa da agitação constante vivida no país, em finais do século XIX. Sabe-se que as questões de estabilidade e controle – no que se refere à América Latina – sempre foram consideradas com essencial interesse pelos Estados Europeus, especialmente pela Inglaterra, desde o início do processo de independência, pois estavam vinculadas à segurança dos capitalistas europeus: o medo de uma ação desorganizadora do Estado, por parte dos excluídos latino-americanos, sempre aterrorizou o mundo financeiro do velho continente.

Para criar uma imagem de segurança em âmbito social, mas também com relação ao viver civilizado e de acordo com as normas modernas de higiene, Buccelli vai construir uma narrativa sobre o “milagre” brasileiro. Não se refere a um processo de crescimento econômico, mas a uma forte e acelerada ação modernizadora, a qual viria desmentir um estereótipo injurioso da “moleza nacional”. O Rio de Janeiro sofreu um grande processo de modernização, e em ritmo acelerado, porque ali existe uma vigorosa ação do Estado que sabe utilizar bem os recursos humanos e econômicos. Certamente ele não deixa de mencionar um outro componente importante desta transformação, o qual pode servir como elemento de atração com relação à sociedade italiana, que se configura nos imigrantes provenientes da Península Itálica. Em sua fala, destaca os profissionais italianos que estão intervindo diretamente nesse processo de embelezamento da capital federal, como o arquiteto Antonio Jannuzzi, o qual estava trabalhando na construção de um novo edifício encomendado pela Casa Guinle. Outro exemplo utilizado – esse constituído por um filho de italianos, mas que teve sua formação em Roma – faz referência ao professor Rodolfo Bernardelli, diretor da Escola de Belas Artes, o qual foi responsável pela transformação do jardim da praça 15 de novembro, com a inauguração da estátua em honra ao general Osório.



Fonte: BUCCELLI, 1906, p. 11.

O viajante irá se servir, ainda, de algumas vozes de “turistas” e imigrantes italianos que passavam pelo Rio de Janeiro, alguns retornando de Buenos Aires, outros se dirigindo ao sul do país ou ao porto de Santos, para construir uma argumentação plausível e dar um efeito mais concreto de real à sua narrativa. Buccelli vai buscar a autoridade de seu testemunho, para além da idéia já mencionada do “eu vi”, no relato de impressões de outros importantes viajantes, como Giacomo Puccini, que – voltando da capital Argentina – mesmo com certa indiferença, mas com vontade de deixar a nave por algumas horas – faz um pequeno passeio pela “cidade maravilhosa” e acaba se encantando com o que vê, especialmente com o Jardim Botânico, do qual tem viva lembrança em sua mente, até hoje.

Um antigo imigrante, anônimo, também dá o tom das positivas transformações que a capital federal está sofrendo na virada do século. O referido italiano, que tinha permanecido no Brasil entre 1888 e 1894, estava retornando – depois de mais de dez anos – e antes mesmo de desembarcar, pedia informações sobre a situação em terra. Sua preocupação deve-se – em primeiro lugar – à desinformação sobre o país, depois de tanto tempo de ausência e – em segundo – à situação caótica da cidade quando de sua partida (revolta contra Floriano Peixoto e febre amarela). Quando recebe a resposta de que a situação econômica é positiva, que não se está vivendo nenhuma turbulência política e que as doenças estão controladas, é decididamente incrédulo. Em sua reação, Vittorio Buccelli confirma a sua percepção com

relação à falta de conhecimento sobre o Brasil, a qual impera na Europa: os medos devidos a ignorância impediam o crescimento dos investimentos europeus. Qual remédio? Uma forte campanha nacional, na Europa, por parte do Estado brasileiro, para reverter tal situação: segundo o autor, isso deve fazer e faz parte da política internacional dos Estados modernos.

A própria ênfase que o autor coloca sobre a velocidade do desenvolvimento dos trabalhos pode ser entendida no contexto dessa imagem da modernidade como turbilhão, tendo em vista que a sensação de progresso envolve a mudança rápida, a experiência de uma transformação continuada. Assim, a agilidade do processo que vai sendo relatado por ele, na cidade do Rio de Janeiro, é um elemento que vincula esse conjunto de obras à experiência do moderno e a uma europeização dos modos de trabalho, caracterizados como febril:

Alongando o olhar até as duas extremidades, podia-se perceber um grande movimento de homens e carretas, de centenas de armações de madeira, e um ir e vir de pessoas atarefadas, sinais visíveis de um trabalho febril, que deve ter maravilhado tanto os europeus acostumados a falar da lentidão como todas as coisas são levadas adiante no Brasil (BUCCELLI, 1906, p. 12).

Esse rápido processo de mudança conduz o Buccelli a informar os europeus – certamente desatualizados e, portanto, cheios de preconceitos – sobre a maneira como se encontrava a cidade no início do século e toda a efervescência transformadora dos últimos anos. O seu roteiro informativo, o qual revela o Rio de ontem e aquele de hoje (início do século XX), inicia pela *rua primeiro de março*, a qual, em passado, mesmo sendo uma das principais artérias comerciais da cidade, era intransitável para os pedestres. Hoje, pelo contrário, apresenta-se como uma estrada limpa e nivelada, fruto da cobertura asfáltica que facilitava o cotidiano dos transeuntes. Durante o percurso, na metade da *rua do Ouvidor*, o viajante que viesse ao Rio de Janeiro, em uma segunda viagem, deparar-se-ia com uma grande surpresa, ou seja, uma belíssima e larga estrada que veio substituir a antiga rua dos Ourives. Esta nova artéria nascente é caracterizada por elementos que denotam o ar saudável das transformações que envolvem a cidade: muita luz e ar, calçamento bem colocado, novos edifícios, iluminação elétrica e a gás.

A narrativa sobre as alterações urbanas que podem ser observadas em uma viagem de retorno ao Rio de Janeiro, são exatamente uma pintura daquilo que é representativo da modernidade. Como se dizia logo acima, se a cidade moderna é caracterizada pelo efêmero, pelo transitório, a figura de um canteiro de obras, marcada pela imagem de um “formigueiro”, com trabalhadores que se movem rápida e continuamente, constitui-se em um emblema da modernização da capital federal. O autor, na medida em que oferece um destaque aos elementos de mudança, enfatiza também a dimensão do movimento, da gestação. A cidade

está em um porvir, sendo ainda identificada com o signo da demolição, mas a modernidade tem essa marca de sobreposição, do novo que suplanta o velho:

Uma estrada ainda em construção, que demoliu por uma extensão de dois quilômetros os edifícios antiestéticos e malsãos da cidade velha, e que trouxe em um bairro denso de população a brisa vivificante do oceano (BUCCELLI, 1906, p. 12).

Segundo o roteiro do autor, como em um processo de elaboração de uma liturgia dos espaços emblemáticos da modernidade, os quais representam – para um público europeu – os delineamentos de uma nação/cidade civilizada, três idéias-imagens devem ser destacadas: a luminosidade da energia elétrica ou do gás incandescente, a ordenação e o controle da natureza e a vida democrática. No imaginário europeu sobre “republicuetas” sul-americanas, campeia a percepção de uma natureza sufocante e imobilizadora – marca dos trópicos –, do breu da barbárie e da falta de estabilidade política, em um espaço conduzido com mão de ferro pelos caudilhos.

Sobre o primeiro elemento – a luz – a representação que Buccelli constrói é de uma sala de baile, no qual as pessoas podem passear tranquilamente, verem e serem vistas, como no caso do jardim da praça 15 de novembro. Para o autor, “a iluminação é disposta como em um salão, porque não somente ao longo da **banchina**, mas em torno o jardim, foram colocados lampiões de gás incandescente” (BUCCELLI, 1906, p. 11).

A luminosidade é símbolo dos tempos modernos, da vitória sobre a irracionalidade, emblema da construção de uma sociedade pautada pelos ditames da razão, obviamente, iluminista. Neste sentido, pensando também na construção dos espaços urbanos de exclusão, explorados por Pesavento (2001), os lugares pouco iluminados apresentavam-se com a marca do degrado, do crime, da lascívia. Analisando os becos de Porto Alegre, a autora nos fala de uma representação de zonas malsãs, local que se caracteriza por ser uma incubadora de atitudes contrárias ao bem viver e à ordem social, os quais devem ser controlados e regrados e, segundo os jornais da época, combatidos. Certamente, o saneamento e a iluminação da praça 15 de novembro é um passo para mantê-la como lugar de afluência do cidadão honrado, espaço de trânsito da boa sociedade e – dessa forma – rechaçar o vício e os comportamentos dissolutos.

A natureza tropical, parte da segunda questão analisada na obra de Buccelli, é representada – no imaginário europeu – como lugar de morte, seja pelas características inóspitas seja pelo proliferar-se de doenças. Combatendo esse imaginário vigente no velho continente, o viajante irá falar da verdejante e luxuriosa natureza fluminense, destacando as

intervenções tecnológicas que significam o controle que o poder público detém sobre ela: espaços naturais domesticados.

Dois são as características principais desta floresta que se está civilizando: o planejamento racional dos espaços e a ferrovia que abre caminhos, facilitando o deslocamento. No primeiro caso, o autor dá relevo aos espaços sempre verdes, mas entremeados por belíssimas quintas e organizados em um percurso linear de árvores dispostas em fila:

Na medida em que nos afastamos do centro, em todas as direções, as estradas adquirem um aspecto senhoril e ostentam, além de longas filas de árvores, graciosas viletas circundadas por jardins eternamente verdes e floridos na maior parte do ano (BUCCELLI, 1906, p. 17).

Outra característica, representada também na imagem que segue, a qual é inserida pelo próprio autor, em sua obra de divulgação, refere-se à vitória sobre a natureza, representada pelo avanço da ferrovia, no Corcovado, em forma de cremalheira. Ao destacar que tal obra – a cremalheira – construída pelo prefeito fluminense há muitos anos, é um sinal de sua audácia e talento, Buccelli reforça sua concepção de um poder público corajoso que está conduzindo a ferro e fogo a cidade à modernidade. Ela chega também com o vapor e permite conquistar este espaço de beleza incomparável, que permite uma vista panorâmica de toda a *urbs*, que é o cume do morro do Corcovado. Como se identifica emblematicamente na imagem selecionada por Vittorio Buccelli, a modernidade pode ser representada como um trem que vai penetrando na floresta, produzindo fragmentos imagéticos do progresso da tecnologia.

Imagem 3. Ferrovia do Corcovado



Fonte: BUCCELLI, 1906, p. 17.

O terceiro elemento de força da estratégia estruturada pelo propagandista, para convencer os leitores italianos, funda-se na potência da democracia no Brasil, mesmo marcada pelo voto censitário. Aliás, ele destaca a estabilidade do sistema democrático, o qual não é somente uma instituição do presente, mas tem suas raízes no período monárquico, pois “a lista civil do imperador Don Pedro II nunca ultrapassou os oitocentos contos anuais” (BUCCELLI, 1906, p. 24). Para reforçar a sua argumentação sobre a qualidade da democracia brasileira, ele chama em causa a constituição de 1891, a qual – segundo o autor – lembra aquela dos Estados Unidos, sobretudo pelo equilíbrio e pela harmonia dos três poderes. A segunda constituição brasileira, na visão de Buccelli (1906, p. 24), pode ser inserida entre as mais notáveis da civilização moderna “pelo seu caráter liberal e humanitário”. Se existem contrastes e conflitos internos, estes nascem da velocidade com a qual as mudanças ocorreram no Brasil, mas o Estado já está colocando a sociedade “nos trilhos”.

A obra de Vittorio Buccelli – tentando divulgar uma imagem positiva do Brasil, na Europa – acabou constituindo-se enquanto representação da propaganda republicana do início do século XX, a qual buscava exportar a fotografia de um país moderno, sintonizado com as grandes transformações e os grandes avanços científicos europeus. Se a República estava fazendo do Rio de Janeiro um cartão de visita para os estrangeiros que transitavam pela cidade, o viajante italiano será uma das vozes que venderá este olhar regenerador no velho continente. Ao mesmo tempo, a leitura de “Un viaggio a Rio Grande del Sud” permite perceber concepções negativas sobre o Brasil (especialmente no que se refere à vivibilidade da capital federal) que persistiam no imaginário europeu e elementos – aqueles destacados na exposição do autor – que, participando de uma noção européia de sociedade moderna e de bem viver, funcionavam como suporte argumentativo da transformação restauradora experimentada pela cidade do Rio de Janeiro, objetivando captar investidores e imigrantes para o Brasil.

Referências

BRILLI, Attilio. *Il viaggio in Italia*. Storia di una grande tradizione culturale. Bolonha: Il Mulino, 2006.

BRUM, Rosemary Fritsch. *Uma cidade que se conta*. Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre nos anos 20-30. São Luis: EDIUFMA, 2009.

BUCCELLI, Vittorio. *Um viaggio a Rio Grande del Sud*. Milão: Officine Cromo-Tipografiche L.P. Pallestrini & C., 1906.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados*. Escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

COSTA, Angela Marques; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DORÉ, Andréa. Cristãos na Índia no século XVI: a presença portuguesa e os viajantes italianos. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, p. 311-340, 2002.

DUARTE, Regina Horta. Olhares estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, p. 267-288, 2002.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Santos: para além do porto do café. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens na História*. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 235-253.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

PESAVENTO, Sandra. *Uma outra cidade: o mundos dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

* Luis Fernando Beneduzi é professor da Alma Mater Studiorum Università di Bologna e professor colaborador da Johns Hopkins University. É doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estudos de Pós-doutorado realizados junto ao grupo internacional “Mujeres”, Università degli Studi di Torino. Dentre suas publicações recentes, destaca-se “Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos” (Porto Alegre: Edipucrs, 2008). E-mail: <luis.beneduzi@unibo.it>.

Recebido em dezembro de 2008; aprovado em maio de 2009.